

Apresentação

Ângela Pôrto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PÔRTO, Â. Apresentação. In: PORTO, Â., SANGLARD, G., FONSECA, M.R.F., and COSTA, R.G.R., orgs. *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008, pp. 13-15. ISBN: 978-85-7541-599-3. Available from: doi: [10.7476/9788575415993.0002](https://doi.org/10.7476/9788575415993.0002). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/7f83x/epub/porto-9788575415993.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Apresentação

História da Saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958) é fruto de um projeto coletivo que teve por objetivo principal identificar e tornar público o conjunto de bens edificados que compõem o patrimônio cultural da saúde na cidade. Ao realizarmos a pesquisa da história institucional e arquitetônica de hospitais, instituições de assistência médica e institutos de pesquisa científica criados desde o início do século XIX até meados do XX, procuramos contribuir com ações em torno da preservação do patrimônio científico e cultural da saúde. Muitas das instituições aqui relacionadas já tiveram suas edificações tombadas, outras tantas se encontram em processo de tombamento, sem que isso signifique, no entanto, que estejam devidamente preservadas. A maioria delas ainda não teve esse destino e está desprotegida, ou mesmo descaracterizada em relação ao projeto original; outras tiveram a sede transferida ou, como é o caso da Faculdade de Medicina na Praia Vermelha, totalmente demolida.

Este estudo partiu de um levantamento realizado em 1994 pelo arquiteto Benedito Tadeu de Oliveira, do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz (COC), por Jaime Benchimol e por mim, ambos do Departamento de Pesquisa deste mesmo centro de pesquisa, documentação e informação. Naquele momento, tínhamos como objetivo listar e identificar os edifícios tombados ou em processo de tombamento – nas instâncias municipal, estadual e federal – ligados à saúde na cidade do Rio de Janeiro e, sobretudo, aqueles que se encontravam desprotegidos. Esse levantamento inicial partiu da proposta do prof. Paulo José Pardal, pesquisador, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (Inepac/RJ), defensor incansável do patrimônio histórico desta cidade, a cuja memória dedicamos este trabalho.

À relação inicial foram acrescidos outros prédios identificados em pesquisa desenvolvida por Renato da Gama-Rosa Costa e Gisele Sanglard, que objetiva o estudo da constituição da Assistência Pública na capital federal, na República Velha, e nas ações da Divisão de Obras do Ministério da Saúde, no pós-1930; e diversas instituições, especialmente as academias de ciência, pesquisadas no âmbito do projeto do *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*, coordenado por Maria Rachel Fróes da Fonseca.

Sem a pretensão de esgotar a imensa lista que de início nos impusemos, ou mesmo de tentar dar conta da totalidade das instituições e dos bens edificados, apresentamos, por ora, um conjunto expressivo de instituições e as principais edificações que compõem o patrimônio arquitetônico da saúde no município do Rio de Janeiro, com o objetivo de evidenciá-los e conferir-lhes o devido reconhecimento.

Buscamos destacar diversas categorias representativas do patrimônio cultural e científico da saúde no Rio de Janeiro: estabelecimentos médicos, hospitais, centros hospitalares, lazaretos, leprosários, nosocômios

e hospícios, instituições de pesquisa, laboratórios, instituições de ensino médico, estabelecimentos terapêuticos, órgãos públicos, associações e academias médico-científicas. Identificadas as principais instituições e respectivos edifícios relevantes para a história da saúde na cidade, procedemos ao levantamento de informações e imagens nos principais arquivos e bibliotecas mantenedores de acervos referenciais. Nem todas as instituições foram receptivas à idéia de fazer parte deste trabalho, outras não dispunham de documentação suficiente para recuperar sua história, mas estiveram de portas abertas para nossa equipe de pesquisa. Isso poderá deixar transparecer ao leitor uma certa heterogeneidade de conteúdo, se comparar o verbete de uma instituição com outra, ou mesmo perceber a ausência de reconhecidas instituições. Tais ocorrências são totalmente alheias à nossa vontade e não devem ser imputadas à incúria na pesquisa.

Percorrer a trajetória dessas instituições nos permitiu conhecer ainda mais a fundo a história da saúde no país, em especial as características e as transformações pelas quais a assistência hospitalar passou ao longo dos séculos XIX e XX. A arquitetura das edificações reflete todo esse processo, na medida em que é reveladora do conhecimento médico do período e da relação que se estabelecia entre saúde e doença. Estilos arquitetônicos adotados na construção de hospitais deixam transparecer a concepção e a forma de tratamento de uma determinada enfermidade à sua época. Assim, o modelo pavilhonar será substituído pelo monobloco, que reúne em um mesmo espaço doentes antes condenados ao isolamento. Medicina, ciência e sociedade relacionam-se, determinam as políticas de saúde e, por conseguinte, a forma como se materializam.

As instituições aqui apresentadas, algumas com diversas sedes ao longo do tempo, tiveram suas instalações total ou parcialmente preservadas, e, com base na recuperação de suas histórias e imagens, propomos um roteiro pela história da saúde no Rio de Janeiro.

Este trabalho, devido a sua dimensão, adquiriu duas formas: um livro e um CD-ROM, que vem encartado na capa. O primeiro compreende textos analíticos acerca da história da saúde no Rio de Janeiro, em que se reflete sobre distintos períodos e contextos, e é composto de cinco capítulos. A título de introdução, o primeiro capítulo, “Memória, história e patrimônio cultural da saúde: uma história possível”, escrito por Gisele Sanglard e Renato da Gama-Rosa Costa, informa o leitor sobre os conceitos de história, memória e patrimônio, a relação entre eles e as ações de preservação – tanto as realizadas por iniciativa do poder público quanto as oriundas da própria sociedade. Os capítulos seguintes analisam os três grandes períodos em que o estudo foi dividido. “A saúde pública no Rio de Janeiro imperial”, de Maria Rachel Fróes da Fonseca, apresenta um panorama das instituições de saúde no século XIX, remontando a suas origens coloniais; “A Primeira República e a constituição de uma rede hospitalar no Distrito Federal”, por Gisele Sanglard, trata das instituições e dos edifícios construídos durante a República Velha, onde se percebe o processo de transformação pela qual passou a assistência pública na capital federal; “Política e saúde: diretrizes nacionais e assistência médica no Distrito Federal no pós-1930”, por Cristina M. Oliveira Fonseca, analisa o período marcado pela ênfase na abertura de hospitais, decorrente da gestão do prefeito Pedro Ernesto, bem como a gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde (MES). E “Arquitetura e saúde no Rio de Janeiro”, de Renato da Gama-Rosa Costa, traça a história da arquitetura das instituições de saúde, ao longo de todo o período analisado. Todos os capítulos são acompanhados por ilustrações. A iconografia é enriquecida por um caderno de imagens contemporâneas, em cores. Por fim, um pequeno glossário elaborado por Atiele Lopes esclarece o leitor sobre os termos gerais utilizados ao longo dos textos.

O CD-ROM apresenta as versões para o inglês e o espanhol do conteúdo do livro e traz ainda, sob a forma de verbetes, textos informativos acerca das instituições e dos edifícios pesquisados. Os verbetes, apresentados nas três línguas, relacionam dados sobre a história, localização, características, uso atual, arquitetura dos prédios e, quando há, o registro de tombamento. Cada um é acompanhado de iconografia, para cuja pesquisa optamos por selecionar imagens do passado e do presente.

A escolha de tal período, compreendido entre 1808 e 1958, se deveu ao intuito de remetermos ao ano da vinda da Corte para a cidade do Rio de Janeiro, ao contexto de transformações que se sucederam a partir daí e, é claro, celebrar o bicentenário da chegada da família real portuguesa, que se comemora este ano. Percorrendo um período de 150 anos, fechamos com o ano de 1958. A década de 50 do último século, escolhida como marco final de nosso estudo, indica a consolidação da arquitetura hospitalar e do momento em que o arquiteto passa a assumir inteiramente os projetos de edificação dos hospitais. O hospital moderno, vertical, é uma tendência presente desde a década de 1930. Mas é, sem dúvida, na década de 1950 que os preceitos do ‘modernismo’ em arquitetura são transpostos para os hospitais da cidade, com a construção de exemplares marcantes para o cotidiano dos cariocas. O ano de 1958, especificamente, é considerado como referência para a arquitetura hospitalar moderna no Rio de Janeiro, com a finalização da obra do Hospital da Lagoa, de Oscar Niemeyer e Hélio Uchoa – a grande expressão de hospital da tipologia monobloco do período moderno.

Nossos agradecimentos a todos aqueles que nos abriram suas portas e seus acervos, que aqui se fazem representar especialmente pelas seguintes instituições: Maternidade de Laranjeiras, Casa de Portugal: Hospital e Maternidade, Hospital do Amparo Feminino, Sociedade Beneficente Israelita do Rio de Janeiro, Hospital Evangélico, Hospital Central da Aeronáutica, Hospital de Ipanema, Hospital-Maternidade Herculano Pinheiro, Maternidade Alexander Fleming, Hospital São Lucas, Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), Serviço de Documentação da Marinha e Instituto de Hematologia Arthur Siqueira de Cavalcanti (Hemorio). Agradecemos também o inestimável auxílio de Vera Wanderley (Pro Matre), Luiz Guilherme Romano (Casa de Saúde Santa Lúcia), Olga de Fátima Barros (Beneficência Portuguesa), Everson Sofiste (Museu dos Bombeiros), Dásio Lopes Simões e Elizabeth Bittencourt Constantino (Hospital do Andaraí), Alexandre Estelito Mourão e Mello e Fladenor Belfort Leite (Casa de Portugal) e coronel Hélio Gouveia Prado (5ª Divisão de Levantamento do Exército).

Por fim, a Luiza Andréa Moraes Cardoso, da Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz (SPCOC), pelo empenho na captação de recursos para a elaboração da pesquisa e a edição deste livro e ao Bruno Martins, da Cobra Tecnologia, pelo apoio na gestão deste patrocínio.

Ângela Pôrto

